

MIRANDA, Margarida, *Miguel Venegas and the Earliest Jesuit Theater: Choruses for Tragedies in Sixteenth-Century*, Leiden – Boston, Brill, 2019 (Jesuit Studies: Modernity through the prism of Jesuit History, volume 23), XVI + 240 pp. ISBN 978-90-04-34042-8 (hardback) 978-90-04-40705-3 (e-book).

O presente volume revela um esforço feliz de reescrita da história ao rever o papel desempenhado por Miguel Venegas no domínio do teatro jesuítico. Após o abandono da Companhia de Jesus em 1567, deixou praticamente de ser referenciado na correspondência jesuítica o nome de quem até então se afirmara como um notável mestre de humanidades, designadamente no Colégio das Artes em Coimbra onde, com grande sucesso, compôs e levou à cena duas tragédias, a *Saul Gelboaeus* (1559) e a *Achabus* (1562), representadas depois noutros colégios da Companhia em várias cidades da Europa.

A presente monografia representa um ato de justiça a este jesuíta, ao fazer avultar toda a importância específica que lhe deverá ser atribuída. Tal importância, como vem salientado na “Introduction” (pp. XIV-XVI), reside no facto de as suas obras teatrais conterem os fundamentos duma poética dramática única (trágica, sacra, bíblica, musical e retórica por definição, como a caracteriza aqui a A.) que faz de Venegas o fundador do teatro jesuítico em Portugal e o criador dum género gradualmente codificado e emulado por várias gerações de jesuítas, até à sua consignação final no texto da *Ratio studiorum* (regra 13 para o reitor). As reflexões aqui expendidas em defesa deste propósito, cuidadosamente organizadas e tratadas, questionam solidamente toda a importância tradicionalmente atribuída ao Colégio Romano na criação desse protótipo teatral, transferindo-a, via Miguel Venegas, para o Colégio das Artes de Coimbra.

A poética dramática acima referida e a afirmação do seu carácter pioneiro constituem o verdadeiro núcleo temático que animou todo o trabalho evidenciado nos vários capítulos deste volume. Os dois primeiros são de natureza biográfica: “Miguel Venegas of Ávila”, pp. 1-11 e “Miguel Venegas: the master and the jesuit”, pp. 12-58. O primeiro abrange o período que decorre até à sua entrada na Companhia de Jesus, em 1554, após estudar na Universidade de Alcalá e se tornar aí um prestigiado professor de retórica; o segundo contempla o seu percurso como jesuíta até ao ano de 1567 e o tempo em que, não sendo já jesuíta, continuou como professor de retórica e dramaturgo, agora na Universidade de Salamanca, até finais da década de oitenta.

Neste acompanhamento dos passos de Miguel Venegas, a A. tem em conta esforços afins já desenvolvidos, designadamente os de Nigel Griffin, o primeiro a chamar a atenção para a ampla difusão europeia da dramaturgia de Venegas. Denotando grande destreza no manejo das fontes, sobretudo das manuscritas (as *literae*, os *catalogi* e outros documentos, como o curiosíssimo *examen*, pp. 3-6), Margarida Miranda retifica ideias feitas (por ex. o ano de nascimento de Venegas), realça contributos novos e, com argumentação consistente, formula novas hipóteses.

A caracterização do percurso de Venegas como mestre de retórica diz bem da importância que ao tempo os responsáveis jesuítas davam à cultura humanista. O jesuíta de Ávila vindo de Alcalá é visto na Companhia como a pessoa providencial para aí lançar as bases, ou manter o prestígio, dessa cultura. Assim terá acontecido primeiro em Plasência, no *studium* aí recentemente aberto, logo depois, em 1555, no Colégio de Santo Antão em Lisboa, para compensar a saída para Coimbra de três grandes mestres (Cipriano Soares, Manuel Álvares e Pedro Perpinhão) e, três anos depois, em Coimbra, onde se impunha manter a reputação do Colégio das Artes, até há pouco servido por humanistas de escol vindos de Bordéus, como Diogo de Teive e George Buchanan, entre outros. Este préstimo da cultura humanista de Venegas avulta igualmente no seu trânsito posterior por várias cidades europeias (Roma, Paris, Lovaina, Augsburg, Dillingen e outras), sempre acompanhado dos textos das suas tragédias, encenadas em algumas destas cidades.

Os capítulos 3, 4 e 5 dão-nos os antecedentes dessa dramaturgia de sucesso nascida em Coimbra. O primeiro deles (“The Alcalá legacy: from Grammar to the Bible, from Rhetoric to Theater”, pp. 59-91) detém-se sobre o legado de Alcalá, ou seja, a formação aí recebida nos domínios da retórica e dos estudos bíblicos: uma educação retórica que, ultrapassando as controvérsias entre ciceronianos e anti-ciceronianos, acolhia também influências bizantinas via Jorge de Trebizonda; um estudo da Bíblia sustentado nas línguas originais em que ambos os testamentos foram escritos. Esta formação será basilar para se compreender a especificidade da dramaturgia de Venegas. Os capítulos 4 e 5 completam de certo modo o esclarecimento dessa especificidade. O primeiro (“Miguel Venegas and the Dramatic Tradition in Spain”, pp. 92-120) dá-nos uma ideia da atividade dramática em Espanha na primeira metade do séc. XVI, em contexto escolar e não escolar, atividade essa portadora tanto de traços medievais (a tradição dos mistérios) como de influências novas vindas sobretudo de Itália. A pureza do género trágico própria dos dramas de Venegas, sem concessões

ao cómico e ao satírico, bem como a ligação ao ensino das humanidades e a utilização da música denotarão influências da atividade dramática em Alcalá no tempo da formação de Venegas. A respeito da música, a A. faz notar que era castelhano Frei Francisco de Santa Maria, o autor da música dos coros da *Achabus* (1562), de Miguel Venegas, bem como da *Sedecias* (1570) de Luís da Cruz. O cap. 5 (“School Theater in Coimbra during the Time of Miguel Venegas: the Colégio das Artes”, pp. 121-129) passa em revista a prática teatral em uso na Universidade de Coimbra, donde certamente Venegas acrescentou novas influências às trazidas de Espanha. Merece realce o período imediatamente anterior a 1555, ano da chegada dos Jesuítas ao Colégio das Artes, marcado pela atuação de humanistas de escol, em especial Diogo de Teive, cuja produção teatral inclui dois dramas bíblicos de que se perdeu o rastro, *Judith* e *David*, e um terceiro, ligado à atualidade, a tragédia *Princeps Ioannes*, segundo a A. “um dos intertextos mais próximos da *Achabus* de Venegas” (p. 128). A análise aqui feita apoia-se numa fina exegese ao prefácio de Luís da Cruz, um discípulo de Venegas, à edição do seu teatro (*Tragicæ comicaeque actiones* – Lyon, 1605) onde, em contraposição à dramaturgia jesuítica, se alude a práticas anteriores em Coimbra.

O cap. 6 (“The Literary Works Miguel Venegas Produced in Portugal (1559-1562)”, pp. 130-148) oferece uma panorâmica da obra literária de Miguel Venegas que, além das já referidas tragédias, inclui ainda o que era então habitual na produção dum mestre de humanidades no Colégio das Artes: composições dramáticas menores (*In die praemiorum actiuncula*, *Gratulatio* e *Dialogus in praemia*), discursos panegíricos (a D. João III e à Rainha Santa Isabel) e pequenos poemas. Algumas destas composições evidenciam influências quer herdadas (caso da *Gratulatio*, que remete para uma composição muito similar representada na Universidade de Alcalá de Henares em 1546) quer exercidas (caso do *In die praemiorum actiuncula*, segundo a A. um arquétipo para muitas outras composições dramáticas criadas para ocasiões semelhantes, com beneplácito posterior da *Ratio studiorum*). A hipótese bem defendida de o texto da *Saul*, encenada no mesmo ano no Colégio de Évora pelo jesuíta Simão Vieira, ser o mesmo do da *Saul Gelboaeus* de Venegas e de, inclusivamente, ter sido posteriormente representado em Itália para onde seguiu aquele jesuíta, espelha o propósito bem reiterado da A. neste seu trabalho de deixar bem assinalados todos os eventuais méritos devidos a Miguel Venegas. No mesmo sentido, havia já ventilado, no cap. 4, a

hipótese de a tragédia *Saul furens* (Plasência, outubro de 1555) ter tido já o dedo de Venegas que, nesse ano, se transferiu para o Colégio de Santo Antão em Lisboa.

O capítulo 7 (“*Drama sacrum et latinum: The tragoedia sacra ex 3^o Lb. Regum cap. 18-20-21 and the Beginning of a Cycle of Tragic Plays*”, pp. 149-173) será a peça-chave no propósito da A. de justificar os méritos devidos a Venegas e ao Colégio das Artes no que toca à codificação da poética do teatro jesuítico e à sua promoção no seio da Companhia. Vinca-se, antes de mais, o facto de as duas tragédias representadas em 1565 e 1566 no Colégio Germânico, respetivamente a *Achabus* e a *Saul*, consideradas decisivas para a codificação dessa poética teatral, serem, afinal, da autoria de Venegas. Representadas originariamente no Colégio das Artes, foram depois levadas para Roma. Elas marcam o início de um tipo de dramaturgia a que, depois de Venegas, foi dada expressão por famosos dramaturgos jesuítas (Tucci, Benci, Stefonio e outros, em Itália; Luís da Cruz em Portugal). Margarida Miranda detém-se a caracterizar a poética dessa dramaturgia que, como se verificará consultando os repertórios teatrais em vários países, floresceu depois em séries de outras tragédias de tema bíblico, agrupáveis em vários ciclos. Essa poética conjuga exegese bíblica com modelos clássicos, designadamente Séneca, priorizando um texto literário ao serviço da retórica e da pregação.

O cap. 8 (“*Optimo more tragico canebantur: Francisco de Santa Maria and the Dramatic Choruses of Miguel Venegas*”, pp. 174-195) aborda a questão da música. Baseada no testemunho de Luís da Cruz no já referido prefácio, nos relatos da representação da *Saul Gelboeus* e nas partituras dos coros da *Achabus* (BGUC, MM70), a A. fala dum novo estilo musical (*mos tragicus* ou *choros per tragedias*) emergido em Coimbra, em data que se pode fazer remontar a 1550, ano da representação da *David* de Diogo de Teive, de que há relatos. Esse novo estilo, fruto da colaboração do músico com o poeta, ao contrário do *stile antico* com os seus melismas, colocava a ênfase nas palavras, promovendo a correspondência sílaba-nota e privilegiando o acento silábico em detrimento do quantitativo, refletindo assim melhor o desenvolvimento retórico do texto. Dada a anterioridade do que, neste domínio, aconteceu em Coimbra em relação ao que de semelhante viria a ser tentado depois em Itália, e tendo presente a vasta circulação europeia das tragédias de Venegas, certamente acompanhadas da música original para os seus coros, interroga-se a A. (p. 200) se, também aqui, não estaremos “perante mais uma página a escrever sobre a chamada

música humanista da Renascença que dê o devido relevo ao real impacto do teatro jesuítico de origem portuguesa.”

Uma conclusão final (“conclusion”, pp. 196-200) resume o conteúdo essencial de cada capítulo, deixando bem vincado, numa espécie de peroração, o propósito do discurso deste volume, ou seja, deixar bem patente toda a possível relevância histórica de Miguel Venegas e do Colégio das Artes de Coimbra no estabelecimento das bases programáticas da dramaturgia escolar jesuítica. O “Appendix: Miguel Venegas’s Writings” (pp. 201-208) apresenta, em ordenação cronológica, todos os escritos deste jesuíta, desde o epigrama dedicatório ao seu colega em Alcalá, Garcia Matamoros, no ano de 1553, até aos poemas compostos em 1589 para celebrar a canonização de Diego de Alcalá. Numa organização pormenorizada, apanágio de todo este volume, a A., sobre cada escrito, inteira o leitor da respetiva génese, da sua existência (manuscrita, impressa ou meramente noticiada) e, se é o caso, da literatura secundária. Para as duas tragédias, dada a sua vasta circulação, reproduzem-se os títulos constantes nos vários manuscritos. As doze páginas da “Bibliography” (pp. 209-220) incluem apenas bibliografia secundária, remetendo-se o leitor, no caso das fontes primárias, para a lista de abreviaturas no início do volume (pp. XII-XIII) e para o “Appendix” acima referido. O “Index” (pp. 221-240), a duas colunas, associa as vertentes onomástica e temática. Judiciosamente elaborado, ele permite ao leitor fácil acesso a questões pertinentes reclamadas por análises sectoriais.

Anote-se, por fim, a eficiência do discurso que percorre todo o volume: Margarida Miranda fala com propriedade do que sabe e do que soube investigar, em etapas bem delineadas e ordenadas e com resumos oportunos prévios à transição para cada novo capítulo. Os trechos citados das fontes surgem sempre acompanhados da tradução em inglês e não falta mesmo a sistemática e cuidada datação dos múltiplos acontecimentos e personagens que se cruzaram na vida de Miguel Venegas, aqui realçado como insigne mestre de humanidades e, sobretudo, como o grande pioneiro da dramaturgia jesuítica.

MANUEL JOSÉ DE SOUSA BARBOSA

menamanuel@sapo.pt

Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

<https://orcid.org/0000-0003-4472-0002>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_76_15